

FAMÍLIA: QUESTÕES EMERGENTES NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTO JUVENIL

Autor (1) Érica Maria Silva Montenegro de Mélo¹
Co-autor (1) Leila Regina de Siqueira de Oliveira Branco²

Faculdade Frassinetti do Recife - emontemelo@gmail.com

Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar obras de literatura infanto-juvenil que tratem do tema família, observando como são tratados o conceito, as vivências cotidianas e outros aspectos relevantes à temática para o público infantil. Para dar conta desse campo, recorreremos a diversos autores que pensam a literatura como meio de constituição subjetiva e, portanto, como importante recurso para a formação de sujeitos para o coletivo, para a vivência em sociedade. Esse trabalho concerne a uma pesquisa exploratória, com foco em um estudo documental de obras da literatura infanto-juvenil que tenham como base o tema família. Foram analisadas obras que discutam a temática. Dentro do universo da literatura e da necessidade de atender ao direito humano que ela é capaz de atender, acreditamos que se constitui fator importante olhar para essas obras como instrumentos didáticos para o trabalho com as temáticas caras à infância, dentro do que se constitui o processo de humanização. A escola, como espaço de socialização e aprendizagem, precisa oportunizar o acesso à literatura, nos seus mais diversos gêneros e desde a mais tenra idade, no intuito de despertar as crianças para o universo não só de imaginação e prazer mas, sobretudo, de construção, valorização e troca de saberes, uma vez que é nesse espaço em que as crianças têm acesso aos livros com abundância, qualidade e diversidade.

Palavras-chave:

Direito Humano, Família, Humanização, Literatura, Livros para a infância,

INTRODUÇÃO

A literatura é uma das maiores riquezas da humanidade e desde que foi incorporada ao cotidiano das pessoas, vem cumprindo o papel de humanização. Conforme defendido por Cândido (1970) a literatura se constitui como um importante direito humano, uma vez que tem papel constitutivo do sujeito. Assim, “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (p.172), ou seja, o literário nos coloca como iguais, semelhantes em acesso, mas diferentes em pensamento e reflexões, porque é também a partir da literatura que vamos nos constituindo como sujeitos de direito.

¹Estudante da Pós-Graduação em Literatura Infanto-Juvenil da Faculdade Frassinetti do Recife. Professora de Biblioteca da Escola Municipal do Coque (Recife, PE). Equipe Técnica da Secretaria de Educação do Jaboatão dos Guararapes (PE). Professora do Curso de Pedagogia da UniFG (PE).

²Estudante de Pós-Graduação em Literatura Infanto-Juvenil da Faculdade Frassinetti do Recife. Técnica pedagógica da Gerência Regional Metropolitana Sul da Rede Estadual de Pernambuco. Professora do Curso de Pedagogia da UniFG (PE).

O objetivo deste trabalho é analisar obras de literatura infanto-juvenil que tratem do tema família, considerando como são apresentados o conceito, as vivências cotidianas e outros aspectos relevantes à temática para o público infantil. Para dar conta desse campo, recorreremos a autores como Meireles (2016), Coelho (2000) e Hunt (2010), que pensam a literatura como meio de constituição subjetiva e, portanto, como importante recurso para a formação de sujeitos para o coletivo, para a vivência em sociedade.

Se passarmos rapidamente pela história da Literatura Infanto-Juvenil, torna-se relevante observar quantas transformações vem sendo imbuídas ao universo do livro para a infância, uma vez que suas nuances variam entre o adulto e o infantil, um tempo e um espaço. O surgimento do gênero a partir de uma preocupação do Rei Luís XIV, ainda no século XVIII, e de algumas pessoas da época, para oferecer ao público infanto-juvenil uma literatura que desse conta das questões da época, as contribuições ímpares dos grandes ícones da literatura para crianças, como os Irmãos Grimm, Charles Perrault e Hans Christian Andersen. Desde então, transitamos entre o utilitário, quando se utilizava “a palavra como instrumento mágico” (MEIRELES, 2016, p. 29).

Ainda que o acesso ao livro seja abundante e de plasticidade gráfica e estética, o livro literário mantém forte conexão com a herança da tradição oral. Nesse lugar de olhar as rodas de contação e escuta de histórias, o coletivo se constituía como importante espaço também para as aprendizagens e vivências das questões fundamentais da vida, a partir das narrativas. Como num relance, as histórias da tradição oral foram se colocando nos livros e vemos um percurso de cuidado com a elaboração dessas obras começar a se desenhar. Dos livros com poucas imagens e escassez de temas para a infância, passamos à apreciação de obras que vão desde a elaboração da linguagem em textos densos e que abordam temas ligados à vida cotidiana, ao planejamento de narrativas visuais que compõem todo um universo literário a partir da imagem.

Nesse sentido, constituímos um trabalho que discuta as concepções de infância na atualidade, a partir da discussão da temática família e categorizamos as obras a partir dessas temáticas. Depois discutimos a importância do trabalho com esses textos na escola e mesmo fora dela.

METODOLOGIA

Esse trabalho concerne a uma pesquisa exploratória, com foco em um estudo documental de obras da literatura infanto-juvenil que tenham como base o tema família.

A pesquisa exploratória, cuja análise se deu numa abordagem qualitativa, objetivou observar minuciosamente as questões em torno do tema família que se estabelecem nos livros literários destinados à infância.

Segundo Marconi e Lakatos (1996), os métodos utilizados pela pesquisa exploratória são amplos e versáteis. Os métodos empregados compreendem os levantamentos em fontes secundárias, levantamentos de experiências, estudos de casos selecionados e observação informal.

Foram analisadas quinze obras literárias destinadas ao público infanto-juvenil que traem a temática família e suas relações como pano de fundo. As obras foram sendo discutidas a partir dos recortes de relações entre membros, efeitos dessas relações e descobertas das crianças a partir desse universo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concepção de família na atualidade

As mudanças na composição das famílias ao longo da história vêm gerando discussões acerca do seu conceito em várias instituições, incluindo a escola que, se ainda não se considera como *locus* para tal discussão é, certamente, o seu campo mais fértil. Infelizmente o que não é comum é observarmos a apresentação dessas composições na literatura infantil.

Diversos atores vêm se preocupando com a reformulação do conceito de família sem, muitas vezes, conhecer as concepções das famílias que estão na escola, por exemplo. Então, comumente vemos discursos e planos, estratégias de convencimento e mesmo a utilização de meios ligados à religião para que seja mantido um conceito que não condiz com a realidade das crianças. Mais uma vez aqui, justifica-se a adequação da literatura às questões sociais que circundam a vida das crianças, já que por vezes, suas histórias são tão absurdas que poderiam compor roteiros para textos baseados na realidade que, nua e crua, forma nossas crianças, nossos cidadãos.

O conceito de família vem tomando várias formas ao longo dos anos, tendo sido incluído até na constituição. Costa (2006) afirma que

A Constituição de 16 de julho de 1934, primeira a consagrar os direitos sociais, introduziu inovações, diante da reiteração do casamento apenas religioso pelo interior do país. Tratou da família no capítulo I do título V, onde se lê: “Art. 144 – A

família, constituída pelo casamento indissolúvel, está sob a proteção especial do Estado" (p. 14).

A constituição de 1988, denominada constituição "cidadã" por tratar dos "[...]direitos da personalidade e da família, com destaque para a indenização do dano moral, o reconhecimento de novas entidades familiares, [...]" (*Idem*, p. 15) traz em seu artigo 226 que

§ 3o Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

§ 4o Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

A "atualização" desse conceito vem tendo destaque na mídia, inclusive amplamente nas redes sociais, principalmente após a Câmara dos Deputados lançar o questionamento aos internautas solicitando a opinião sobre o conceito de família posto no projeto de Lei nº 6.583/13, que cria o estatuto da família. Assim como na maioria dos livros de Literatura Infantil, a proposta contida no referido projeto apresenta o conceito de família como "união conjugal firmada entre o homem e a mulher, ao estabelecer o conceito de entidade familiar; [...]" (PL 6.583/13).

A família tem papel fundamental no desenvolvimento humano e apresenta uma estrutura que varia tanto quanto ao número de pessoas que as integram, quanto aos papéis sociais exercidos por cada um de seus membros. É importante analisarmos o conteúdo dos livros de literatura infantil, uma vez que alguns formatos de família ainda são pouco contemplados. Além disso, é possível considerar as questões sociais e os conflitos que são apresentados e que podem trazer impactos tanto à formação humana quanto à formação leitora das crianças.

A família na literatura infantil

Sendo a família a primeira instituição social da qual o ser humano faz parte, é imprescindível compreender a evolução de suas configurações ao longo dos anos e a partir dos contextos nas quais esta se encontra e tende a se fortalecer, ganhando novos contornos que delineiam as novas relações que se estabelecem para além dos laços consanguíneos.

Seguindo os arranjos familiares descritos por Nogueira (2005), as obras analisadas nos apresentam o universo infantil cercado por configurações diversas de família, com

dificuldades, conflitos, afetividade, colaboração, além de soluções de problemas que são concebidas pelas próprias crianças.

As obras de literatura infantil se apresentam como recurso importante para a compreensão da representação social da família, embora ainda deixem a desejar no que se refere à contemplação dos vários formatos vivenciados pelas crianças pelo mundo afora. As questões sociais também se fazem presentes. Os medos, as expectativas, o abandono, a miséria, a fome, a relação ora tranquila, ora conturbada com os pais e demais atores do cenário familiar, podem expressar sentimentos que contemplam e incluem a diversidade infantil.

Os livros para crianças representam grande riqueza, uma vez que elas podem mergulhar, por meio da leitura, nos mais diversos mundos. Sobre a literatura infantil, Hunt (2010) afirma:

Do ponto de vista histórico, os livros para crianças são uma contribuição valiosa à história social, literária e bibliográfica; do ponto de vista contemporâneo, são vitais para a alfabetização e para a cultura, além de estarem no auge da vanguarda da relação palavra e imagem nas narrativas, em lugar da palavra simplesmente escrita (p.43).

Apesar das mudanças na composição da família contemporânea, observamos que ainda pode ser considerada inexpressiva a quantidade de obras que se destinam a tratar dessa diversidade, principalmente no que se refere às famílias constituídas por casais homoafetivos ou famílias homoparentais.

Em momento algum, esse artigo toma como objetivo o uso da literatura para doutrinar ou apropriar-se de modelos ideias, mas para apontar como a relação com o livro na infância já pode permear a formação de conceitos mais amplos, que deem conta das novas configurações que se impõem sobre a evolução da história da humanidade.

Embora o mercado seja amplo, uma vez que essa configuração está cada vez mais presente, principalmente na escola, existem o interesse de pais, professores e tantos outros mediadores que, embora ávidos pela inserção da temática, precisam se conformar com a quantidade insuficiente de títulos que possam atender a essa necessidade. A Lei nº 8.069/2013- Estatuto da Criança e do Adolescente - em seu artigo 25, apresenta os principais conceitos de família para efeito da legislação, como natural, extensa e substituta e apresenta conceitos.

Dessa forma, mesmo considerado ainda insuficiente, o acervo de literatura infantil que se apresenta hoje reforça sua importância na vida das crianças. Analisamos como as famílias

são representadas, que estereótipos se apresentam de forma recorrente e quais aspectos da leitura e da formação de leitores podem ser abordados a partir dessas representações.

Olhando as obras de perto

A literatura infantil exerce fascínio entre seus leitores e tem o poder de renovar, a cada leitura, a capacidade humana de se reinventar através das suas histórias, aprimorando sua capacidade de perceber e analisar criticamente o mundo à sua volta. Nesse sentido, Coelho (2000, p. 51) destaca a necessidade de pensar na “orientação a ser dada às crianças [...] sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações”.

Dessa forma, obras que representam o universo familiar das crianças possibilitam a consciência sobre a evolução do conceito de família, as relações que se estabelecem, a representação social dos seus membros, além de incluir e preparar para a atuação nesta complexa realidade. Assim, cada livro que se abre traz um universo que se encaixa nas experiências de vida das crianças e aos poucos elas vão constituindo uma diversidade de sentidos que vão sendo construídos pelas crianças.

Desde os contos de fadas vemos que o tema família é abordado a partir de diversas condições e modelos familiares, inclusive falamos aqui de modelos que socialmente, até hoje, questionamos e tomamos como referência para nossa vida. Essa referência é sobre o que não queremos para nós, nossa casa e nossos filhos: a madrasta má, as meia-irmãs que nos odeiam, as mães que nos roubam e nos trancam em torres altas, os príncipes que beijam nossas filhas à revelia... enfim: as questões de família são retratadas na literatura de forma tão interessante que fazem o gênero ser estudado há séculos, sobre os quais gerações inteiras se fincaram, sobre os quais, para sempre faremos referência. O que os leitores fazem é uma transposição para este tempo e para seu contexto.

Exemplo claro da contextualização na literatura está na obra *Joãozinho e Maria*³, Adaptado por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho. Ambientado no Brasil, a história se passa na Serra da Mantiqueira as ilustrações de Walter Lara trazem duas crianças negras comendo goiabas e jabuticabas e marcando o caminho com grãos de milho. Na casa da Bruxa, brigadeiros são degustados pelos dois. Outro aspecto importante é a família constituída por

³ AGOSTINHO, Cristina. COELHO Ronaldo Simões. **Joãozinho e Maria**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

um formato tradicional, com a chegada de um terceiro elemento adulto, a partir da viuvez do pai. Tal como muitas vezes acontece na realidade, as crianças vencem obstáculos e o pai encontra nova possibilidade para sua família.

Betelheim (2006) trata dessa constelação tradicional familiar como formadora de toda uma sociedade, de um modelo que se perpetua de diversas formas. Sobre isso ele nos diz que “o conto de fadas, por outro lado, em grande parte resulta do conteúdo comum consciente e inconsciente, tendo sido moldado pela mente consciente não de uma pessoa em especial, mas do consenso de várias a respeito do que consideram problemas humanos universais [...]”. (p. 46).

Os livros retratam um universo que acompanha o crescimento das crianças e podemos visualizar como as combinações de imagem e texto enriqueceram as obras e as tornam mais acessíveis e atrativas. As grandes editoras investem maciçamente em tecnologia e pesquisa para que o livro seja objeto de desejo, que o leitor seja convocado pelos olhos e pelo coração.

O livro é objeto de reflexão, uma vez que carrega um universo de formação humana, no qual é possível ver nas histórias “de outros”, certo espelhamento de nossa própria história. As crianças são convidadas a ver nas personagens a sua própria história. *Coisas Importantes*⁴, de Peter Carnavas, traz sob a perspectiva de dois sujeitos distintos – a mãe e a criança – a angústia vivida durante a separação de um casal com filhos. A criança que quer guardar objetos velhos e abandonados pelo pai, após a separação, parece ser a mesma que na obra *Mamãe é grande como uma torre*⁵, de Brigitte Schär e Jacky Gleich guarda a imagem da mãe imensa e superpoderosa que, um dia, voltará de sua partida para o mundo e lhe buscará na escola.

*A história vazia da garrafa vazia*⁶, de Jonas Ribeiro exala tristeza e beleza num fino volume que apresenta, também pelos olhos da criança e da mãe, a relação familiar despedaçada pelo alcoolismo. A menina que se aconchega no abraço do pai caído, derrubado pelo álcool, causa grande impacto no leitor, ao mesmo tempo em que pode despertar na criança uma identificação imediata com questões de sua própria vida, de sua casa, de sua família. O pai, que derrubado pela bebida nem percebe que foi abraçado, e a mãe-fortaleza que, conduz a menina e o pai para casa. A história termina com a solução cotidiana encontrada pelas famílias vítimas do alcoolismo: esquecer e seguir.

⁴ CANAVAS, Peter. *Coisas importantes*. São Paulo: FTD, 2011.

⁵ Schär, Brigitte. Gleich, Jacky. *Mamãe é grande como uma torre*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

⁶ RIBEIRO, Jonas. *A história vazia da garrafa vazia*. Coleção Retratos da Cidade. São Paulo: Editora do Brasil, 2004.

No livro *Papai é meu*⁷, de Ilan Brenman, o olhar das meninas na capa, muito bem traduzido pela ilustradora Juliana Bollini, já traz para o leitor a compreensão de que as duas estão em total desacordo, cada uma querendo o pai para si. Nesta obra, nascida de uma experiência real do autor, onde as crianças pretendem dividir literalmente o pai, a família não se faz presente nos moldes convencionais. A partir do surgimento do conflito entre as duas, na intenção de ter toda a atenção do pai, e depois de tê-lo dividido ao meio, chegam à conclusão de que é melhor unir as metades, já que não funcionam separadas.

Na mesma linha, o livro *Papai é quase um herói*⁸, de Aline Abreu, que assina a obra como autora e ilustradora, traz muitas cores e nos leva a fazer a relação com os lápis de que cor que as crianças utilizam para fazer seus desenhos. A figura da barata, causa do medo do pai, é uma exceção por se tratar de uma fotografia. O livro também enfatiza a figura paterna e apresenta todas as expectativas que a criança tem em relação ao pai. Entretanto, como o próprio título indica, o papai da história não é um herói completo, pois uma coisa lhe falta: perder o medo de barata. É possível fazer referência às famílias monoparentais (apenas a figura de um dos pais é responsável pelos filhos) a partir dessas duas obras, apesar de não haver referência a nenhum formato ou configuração de família.

*O Menino Nito*⁹, de Sonia Rosa, tem ilustrações de Victor Tavares, que tem experiência em desenho animado, o que confere à obra uma semelhança com a animação. A história de Nito traz um conflito que permeia a vida de muitos meninos e nos apresenta a necessidade da discussão, não só a partir da configuração de família, mas sobre questões de representação de gênero e seus papéis sociais. Homem chora ou não chora? Nito, que ficou proibido de chorar por "ser homem", foi "engolindo os choros" por um longo período de tempo. O choro contido é representado no livro pela ilustração de uma represa, que retém todas as lágrimas que não foram "choradas" por Nito, o que nos leva a perceber o quanto a ilustração pode trazer ao leitor o que está nas entrelinhas do texto. A "represa" acaba ruindo causando comoção no pai e na mãe do menino. A família nuclear, representada por mãe, pai e filho, nos oferece subsídios para desenvolver os olhares para as famílias que têm filho único.

As obras *É tudo família*¹⁰, de Alexandra Maxeiner e Anke Kuhl e *A família da gente é diferente*¹¹, de Nadja Carvalho, com ilustrações de Luciano Félix, partem do princípio de que, apesar dos formatos que as diferenciam, toda família é única e, ao mesmo tempo, semelhante,

⁷ BRENMAN, Ilan. *Papai é meu*. São Paulo: Moderna, 2012.

⁸ ABREU, Aline. *Papai é quase um herói*. São Paulo: DCL, 2005.

⁹ ROSA, Sônia. *O menino Nito*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

¹⁰ MAXEINER, Alexandra; KUHL, Anke. *É tudo família*. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2010.

¹¹ CARVALHO, Nadja. *A família da gente é diferente*. Recife: Prazer de Ler, 2013.

uma vez que pode apresentar conflitos comuns. Apresentam as composições de famílias diversas, trazendo a multiplicidade de papéis e relações que se estabelecem e que a elas são comuns.

Famílias com ou sem irmãos, com dois ou mais pais, inclusive pais e mães adotivos são apresentadas em *O grande e maravilhoso livro das famílias*, de Mary Hoffman e Ros Asquith¹², uma riqueza para a formação desse conceito de família de forma mais ampla e fincada na realidade. Na obra, a constituição dos diferentes papéis, a cultura sobre a qual as diversas famílias se constituem são retratadas do ponto de vista da diversidade de gênero, étnica e religiosa, ou seja, a humanidade retratada em aspectos reais.

Ainda sobre a diversidade familiar, Ana Carolina Lemos fez do livro *Minha família quebra-cabeça*¹³ uma vitrine para a multiplicidade de relações dentro de uma mesma família. A autora destaca como a separação dos pais é vista pela criança e apresenta as novas relações que se estabelecem e o leitor percebe que a família é mais que um laço sanguíneo, uma vez que ela é, sobretudo, constituída pelas relações entre as pessoas e os diferentes papéis que elas desempenham.

Em *A família da gente é diferente* a autora evidencia as características das famílias natural e extensa, como descritas no ECA. Coloca o termo "convencional" (pág. 7) para as famílias constituídas de pai, mãe e filhos e ressalta que pode haver famílias "diferentes", embora não se atenha às características que compõem essa "diferença", o que nos leva a observar a necessidade de trabalhar os conceitos de família monoparental e homoparental. Mesmo com algumas lacunas, estas obras nos oferecem a oportunidade de levar a criança a se reconhecer em um desses formatos e a refletir sobre a importância desse reconhecimento.

Na obra *Meu irmãozinho me atrapalha*¹⁴, de Ruth Rocha, com ilustrações de Eduardo Rocha, observamos a representação da família extensa (BRASIL, 2013), mais comum de representação nos livros infantis. Essa é a história de Miguel, que se sente preterido pela família após o nascimento do irmãozinho Pedro. Miguel tenta disputar a atenção dos pais, tios e primos, já que o centro das atenções é o novo irmão, Pedro, a quem deu esse nome por se tratar do nome do seu melhor amigo. É possível perceber conceitos de solidariedade, pois a própria criança consegue resolver o conflito com a ajuda da família, percebendo a importância da parceria entre os irmãos.

¹² HOFFMAN, Mary. ASQUITH, Ros. *O grande e maravilhoso livro das famílias*. São Paulo: Edições SM, 2010.

¹³ LEMOS, Ana Carol. *Minha família quebra-cabeça*. São Paulo: Paulus, 2016.

¹⁴ ROCHA, Ruth. *Meu irmãozinho me atrapalha*. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

O mesmo enredo se vê em *Os sete novos*¹⁵, de Angela Shelf Medearis, que aborda a sabedoria do povo africano na resolução de um problema fraterno. Na obra o pai deixa para os sete filhos uma generosa herança que só lhes será entregue se eles cumprirem a tarefa de, juntos, transformarem sete novos em ouro.

Um pai sob medida, de Davide Cali, com ilustrações de Anna-Laura Cantone traz a típica dos quadrinhos de super-heróis, com cores e traços fortes. É a história de uma menina tem uma mãe que é praticamente uma heroína: forte, inteligente, supermoderna, que pratica esportes e gosta até de futebol. O livro não traz a figura da família nuclear, e apresenta a mãe como única pessoa a cuidar da filha. O conflito se instala quando a filha percebe que as outras crianças com as quais convive, além da mãe, também tem um pai. Então ela e a mãe saem em busca de um pai, mas não um pai qualquer. Ele terá que apresentar as características necessárias para estar à altura da mãe, que é simplesmente excepcional. Traço da modernidade novamente apresentado na obra literária.

Em *Conta de novo a história da noite em que eu nasci*¹⁶, Jamie Lee Curtis explora o universo da família adotiva, na perspectiva da criança que pede aos pais para ouvir novamente sobre cada detalhe da noite de seu nascimento/ adoção. Também no livro *A melhor família do mundo*¹⁷, Susana López explora esse universo através da história de Carlota que descobre ter sido adotada por uma família maravilhosa. Com esses dois exemplos, trazemos a ressignificação do conceito de família como algo biológico.

A partir da leitura dessas obras, várias possibilidades se apresentam para que as crianças possam observar, conhecer e compreender as diferenças entre as famílias e a característica comum que as tornam únicas: o amor que une seus membros.

Como disse Coelho (2000, p. 49), os escritores fazem sua criação a partir de uma “consciência de mundo ou filosofia de vida”, e nesse momento da história da humanidade, a filosofia mais necessária é aquela que valoriza o ser humano e o constitui como sujeito capaz de se perceber como alguém que tem condições de intervir na história de outros e também transformar a sua própria história. E como diria Candido (1970), essa é a verdadeira transcendência e, portanto, função primordial da literatura.

CONCLUSÕES

¹⁵ MEDEARIS, Angela Shelf. *Os sete novos*: Um conto de Kwanzaa. São Paulo: CosacNaiky, 2005.

¹⁶ CURTIS, Jamie Lee. *Conta de novo a história da noite em que eu nasci*. São Paulo: Salamandra, 2005.

¹⁷ LOPÉZ, Susana. *A melhor família do mundo*. Curitiba: Base Sistema Educacional, 2010.

Olhando mais de perto para os livros literários nos deparamos com um universo a ser desbravado pelos leitores, se transformando constantemente por meio das palavras e imagens. Quão variadas são as concepções de família, de situações familiares postas em xeque por meio da literatura, quantos conflitos solucionados, quantas relações reestruturadas, quantas possibilidades de cura por meio das ideias apresentadas pelos autores.

Assim, ao observar os esses livros percebemos o quanto as crianças podem aprender quando são expostas ao maior número possível de obras que deem conta de refletir sobre aspectos de seu desenvolvimento, retratos do cotidiano, marcas das aprendizagens que vão sendo impressas pelas vivências, pelas leituras, pelos tecidos constituídos na convivência. Analisado os livros temos a certeza de que a literatura tem muito a contribuir com a formação de pessoas diferentes para este mundo, que possam contribuir com a causa das diferenças como condição *sine qua non* para a vida em sociedade.

Vivendo em contato com o universo literário a criança tem a oportunidade de conhecer e analisar a realidade que a cerca, fortalecendo-a para as intervenções necessárias a essa realidade, pois "[...] o mais importante na literatura infantil seja a interação singular de um texto com a criança singular em uma situação singular: esta é sempre diferente, sempre complexa e sempre produz um conhecimento que não pode ser generalizado" (HUNT, 2010, p. 266). É nessa interação que a criança consegue perceber a linha que separa a realidade da ficção, exteriorizando sentimentos diversos, mágoas, expectativas, desenvolvendo-se crítica e emocionalmente e incluindo-se a partir do momento em que se vê representada em personagens e contextos. É essa interação que devemos buscar enquanto mediadores, produtores ou críticos literários, respeitando cada criança em sua singularidade e sua capacidade de fazer intervenções no mundo através da palavra.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos contos de fadas**. 20ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

BRASIL. [CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988](#). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 26/05/2017

_____. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Dispõe sobre o estatuto d criança e do adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em 31/mai/2017.

_____. Projeto de Lei 6583/13. Dispõe sobre o estatuto da família e dá outras providências. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1174113.pdf>. Acesso em 28/maio/2017.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Dilvanir José da. **A família nas constituições**. Brasília a. 43 n. 169 jan./mar. 2006. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/92305/Costa%20Dilvanir.pdf?sequence=6>. Acesso em: 26/maio/2017.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: COSACNAIFY, 2010.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MEIRELES, Cecília [1951]. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Global, 2016.

NOGUEIRA, Maria Alice. **A relação família-escola na contemporaneidade**: fenômeno social/interrogações sociológicas. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218710803Y0rTC2qf4Zv28UH0.pdf>. Acesso em 29/maio/2017

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; KAERCHER, Gládis E. da Silva. **Dois Papais, duas Mamães**: novas famílias na literatura infantil. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1191-1206, out./dez. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/geysas/Downloads/38164-178013-1-PB.pdf>. Acesso em 25/mai2017

XAVIER, Luiz Gustavo. Projeto em análise na Câmara cria Estatuto da Família. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/461518-> Acesso em 25/maio/2017.